



## **A evolução da domesticação canina e sua relação com o bem-estar animal, ambiência animal e enriquecimento ambiental**

Mariane Roncada de Carvalho<sup>1\*</sup>, Natalia Costa dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. E-mail: marirdecg@gmail.com

<sup>2</sup> Docente Especialista do Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR – Ji-Paraná, RO, Brasil. E-mail: nataliacostarq@gmail.com

### **1. Introdução**

O breve histórico da evolução da domesticação canina destaca como os canídeos e os Homo sapiens garantiram sua permanência e sobrevivência durante a história. Contudo, na atualidade é por intermédio da arquitetura em que esses se inserem que vão garantir o bem-estar animal, através da aplicação da ambiência animal e do enriquecimento ambiental. Dessa forma, o estudo objetiva contextualizar brevemente a evolução da domesticação canina de modo internacional e na América do Sul, em especial no Estado de Rondônia. Além de, definir os conceitos de bem-estar animal, ambiência animal e enriquecimento ambiental, para assim demonstrar que esses temas aplicados na arquitetura irão de certa maneira interferir no bem-estar animal, garantindo ou não a continuidade harmônica dos laços afetivos entre as duas espécies.

### **2. Materiais e métodos**

Para esse estudo, a metodologia aplicada foi a da pesquisa qualitativa, cujo tem a capacidade de tratar e analisar dados concomitantemente. Além disso, a metodologia dedutiva permite compreender o tema abordado por intermédio de informações factuais e pesquisas de forma lógica.

Dessa forma, utilizou-se bibliografia digitais presentes nas plataformas do Google Acadêmico, Google Livros, Academia.edu, ResearchGate, Science Direct, journals e periódicos na língua portuguesa, inglesa e espanhola.

### **3. Resultados e Discussões**

Durante a história o Homo sapiens sempre se destacava como um predador-topo entre os períodos do Pleistoceno Médio e o Holoceno, por saber produzir ferramentas, dominar o fogo e possuir sistema de comunicação. Assim, seu sucesso invasivo e evolutivo nas mais diversas regiões do planeta terra foi garantido pela sua capacidade dispersiva, dieta flexível e, também, pela aliança com os canídeos, que garantiam significativamente maior sucesso na caça. De modo que, a família canídea tenha evoluída para os primeiros cachorros domesticados, conforme destacado por Dias (2019, p. 19) cujas:

evidências genéticas atuais apontam, portanto, que a domesticação do cão doméstico tenha ocorrido anteriormente a 36 mil anos atrás, a partir de uma espécie extinta de lobo, dando origem a um “proto-cão”. Para que isso ocorresse, seria necessária a coevolução desta espécie de lobo com humanos, sendo o proto-cão resultante de um processo de domesticação inicial não intencional.

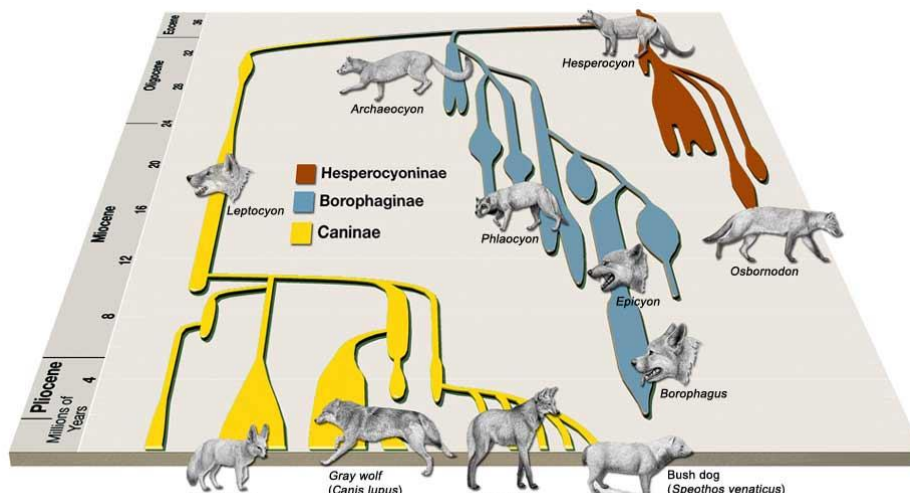
Todavia, “nos estágios iniciais do processo de domesticação, Porche acredita, que o que os animais ofereciam aos seres humanos não era principalmente uma mercadoria, como o

alimento, mas o companheirismo bestial” (Boria, 2014, p. 2, tradução própria)<sup>1</sup>. Nesse sentido, achados arqueológicos de cachorros enterrado juntos com seus mestres, afirmam a afetividade adquirida entre ambos, o que não se observa em outras espécies domesticadas da mesma época (Dias, 2019, p. 17).

Em virtude disso, é por meio de registros fósseis que se permite observar que a família canídea desenvolveu-se na América do Norte e se direcionou para a América do Sul, Ásia e Europa, sendo os Hesperocyoninae nativos da América do Norte, atualmente uma subfamília extinta; os Borophaginae, também conhecidos como “cães esmagadores de ossos”, são endêmicos do hemisfério norte, contudo também se tornaram uma subfamília extinta dos canídeos; e os Caninae que se desenvolveram nos demais continentes (Lopes; Silva, 2012, p. 178).

Figura 1 – Árvore evolutiva da família Canidae

Dessa maneira, compreende-se que o cão não pertence ao endemismo neotropical,



Fonte: Wang; Tedford, 2008 apud Lopes; Silva, 2012

habitando a América do Sul por duas maneiras. A primeira foi com a introdução do animal pelos conquistadores europeus e rapidamente adotados pelos indígenas, já que a espécie canina era ausente na maior parte da Amazônia. E a segunda foi feita com a imigração da família canídea (Velden, 2009, p. 128).

A ocorrência entre os cães nas aldeias indígenas brasileiras são “produtos da relação estabelecida com os homens brancos num passado não tão longínquo”, como também apontado por Velden (2009), a qual relata a relação entre os povos Karitiana, pertencente a região do estado de Rondônia, e os cães. Todavia, na América do Sul há a existência de gêneros e espécies de canídeos nativos indicando a presença de 12 espécies, como por exemplo o Cachorro-domato, Raposa-do-campo e Lobo-guará no Brasil (Velden, 2009), entretanto essas espécies não foram domesticadas pelos indígenas, permanecendo até os dias atuais como animais silvestres.

De modo geral, a publicação de National Geographic (2023) aponta que o homem moderno criou mais de 400 raças ao longo dos séculos, e que cada uma delas apresenta características e códigos genéticos próprios, sendo 5 delas as mais antigas e principais influenciadores para o surgimento dos demais cães modernos, são elas: Basenji, Mastim Tibetano, Cães Pré-colombianos, Cão Cantor da Nova Guiné e Chow-chow. Nessa perspectiva, a publicação feita por Langley (2020) para o National Geographic, assinala que os 20 mil anos de convivências entre o homem e os cães, os tornaram afinados intérpretes das emoções humana. Realçando ainda mais que por razão da coevolução canina e humana, criou-se laços

<sup>1</sup> In the initial stages of the process of domestication, Porcher believes, what animals offered to human beings was primarily not a commodity such as food, but bestial companionship (Boria, 2014, p. 2).

indissolúveis entre as duas espécies, o que permite compreender que essa evolução progrediu para um novo patamar na sociedade moderna, a qual é por meio do ambiente em que esses animais estão inseridos pode ocorrer interferência no bem-estar animal.

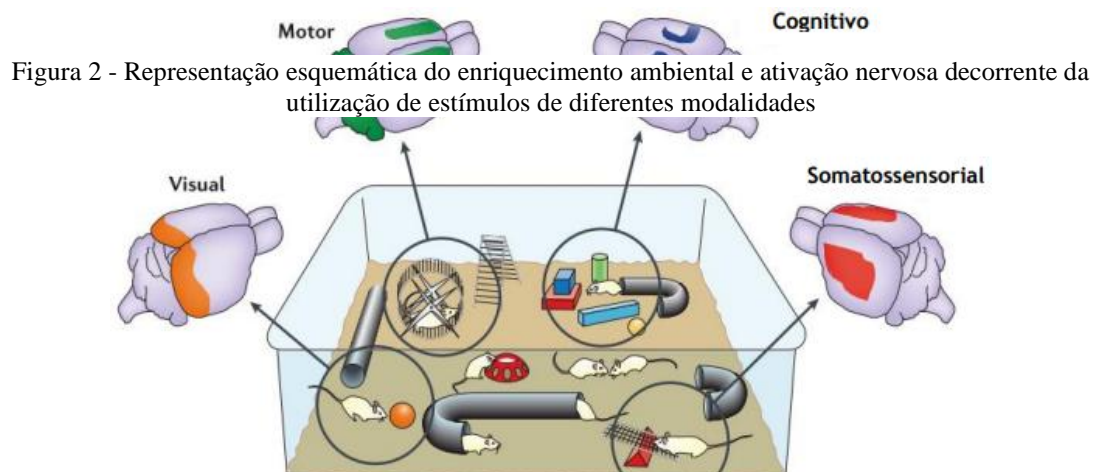
Em vista disso, o termo bem-estar animal teve suas bases teóricas formuladas em 1964 quando a jornalista Ruth Harrison publicou uma série de reportagens no Reino Unido, expondo que os animais de produção eram tratados como máquinas inertes, ao invés de seres vivos. Posteriormente essas publicações foram reunidas no livro "Animal Machines" (Ceballos; Sant'Anna, 2018).

Logo, para que o cão tenha sentimentos positivos em sua vida o bem-estar animal o influenciará diretamente, como definido pela World Organisation for Animal Health (WOAH) no Código de Saúde Animal Terrestre (2023, v. 1, section 7) o bem-estar animal é o “estado físico e mental de um animal em relação às condições em que vive e morre”, ou seja, o estado em que o indivíduo se encontra acerca das tentativas para se adaptar ao ambiente. Dessa forma, quando o animal experimenta um bom bem-estar ele deverá estar saudável, confortável, bem nutrido, seguro e não sofrer de estados desagradáveis, como a dor, o medo e a angústia. A partir desses conceitos a sociedade consegue criar políticas que objetivam proteger os direitos para os animais, conscientizar a população e a institucionalização dos direitos animais, como é o caso do Brasil com a Constituição de 1988, cujo artigo 225 vem incumbir do Poder Público a proteção contra práticas que provoquem a extinção de espécies ou as submetam à crueldade (Abreu, 2015).

Dessa forma, as sensações de conforto ou desconforto são estimuladas através da arquitetura e do ambiente inserido (Bestetti, 2014, p. 602). Portanto, a ambiência animal, interligada com o bem-estar animal, é uma relação bidirecional entre ambiente-objeto, dividida em térmica, lumínica, acústica e aérea, influenciando diretamente na adaptação do pet ao ambiente. Assim, a qualidade do espaço físico e social na qual ele vive e tudo nele inserido, podem vir a afetar diversos fatores do bem-estar animal (Alves; Porfírio-da-Silva; Vanderley, 2019, p. 208). Como também apontado por Silva e Vieira (2014, p. 602) a ambiência traz subsídios importantes para o entendimento das condições físicas e emocionais do bem-estar subjetivo, e nisso se consideram os estímulos ao comportamento dos sujeitos inseridos nesse contexto, aprimorando seu relacionamento.

Outro tema importante, é o enriquecimento ambiental que no entendimento de Newberry (1995) esse é frequentemente aplicado aos tipos de mudanças ambientais com foco na melhoria do espaço e benefícios para o animal e o tutor. A partir desse contexto, o enriquecimento ambiental atua como melhoria no funcionamento biológico dos animais através de alterações realizada no ambiente, sendo possível de se obter desde a adição de um objeto ou material, até a introduzir o animal em um recinto externo seminatural, obtendo-se espaços interativos e complexos que permite ao cão demonstrar comportamentos naturais.

Em conformidade com Goulart (2014), ambientes ricos em combinações de estímulos proporcionados pelo enriquecimento ambiental, sejam eles de exploração e/ou sensoriais, aplicado desde o início do desenvolvimento do ser traz benefícios que se prolonga até a maturidade, podendo também, alterar as estruturas neurais e melhorar o desempenho em trabalhos de memória por referência. Sendo os estímulos segmentados em cognitivo, visual, motor e somatossensorial, como mostrado na figura 1. “Animais expostos a ambientes enriquecidos, parece ter papel crítico tanto na fase do desenvolvimento cerebral quanto na fase adulta, promovendo a regeneração e a sobrevivência neuronal” (Goulart, 2014, p. 10). Assim, cabe ao homem garantir que ambos permanecem em relação harmônica através da arquitetura.



Fonte: Goulart, p. 13, 2014

#### 4. Considerações finais

À vista do exposto, a evolução da domesticação canina se demonstrou importante para o desenvolvimento do laço afetivo entre duas espécies, canídeos e *Homo sapiens*, que desde o início da história humana se complementavam no dia a dia. Portanto, na vida contemporânea é através da aplicação de ambientes ricos em estímulos e intrinsecamente interligado com a ambiência animal dentro da arquitetura que resultará no bem-estar animal e na permanência desses laços afetivos tão antigos.

#### 5. Referências

ABREU, Natascha Christina F. A evolução dos direitos dos animais. Jus, 2015. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/45057/a-evolucao-dos-direitos-dos-animais-um-novo-e-fundamental-ramo-do-direito>. Acesso em: 18 abr. 2024.

ALVES, Fabiana V.; Porfírio-da-Silva, Vanderley; Junior, Nivaldo K. Bem-estar animal e ambiência na ILPF. EMBRAPA, p. 207-223, 2019. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/202666/1/Bem-estar-animal-e-ambiencia-na-ILPF.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

BESTETTI, Maria Luisa T. Ambiência: espaço físico e comportamento. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 17, n. 3, p. 601-610, Rio de Janeiro, jul. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/sRNrKc96QsmC6fybS8LQmDc/#>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BORIA, Sax. Jocelyne Porcher: An Introduction. Humanimalia: a journal of human/animal interface studies, v. 6, n. 1, 2014. Disponível em: <https://humanimalia.org/article/view/9924/10399>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CEBALLOS, Maria Camila; SANT'ANNA, Aline Cristina. Evolução da ciência do bem-estar animal: Uma breve revisão sobre aspectos conceituais e metodológicos. Revista Acadêmica

Ciência Animal, v. 16, p. 1-24, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.pucpr.br/cienciaanimal/article/view/23740>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIAS, Ricardo Augusto. *Canis lupus familiaris: uma abordagem evolutiva e veterinária*. 2019. Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. ISBN 978-85-67421-17-9. Disponível em:  
<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/326>. Acesso em: 23 fev. 2024.

GOULART, Carolina S. Enriquecimento ambiental, ansiedade, cognição e neurogênese hipocampal. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/41/41135/tde-09032015-090835/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

LANGLEY, Liz. Séculos de reprodução seletiva remodelaram o cérebro dos cães domésticos. National Geographic Brasil, 2020. Disponível em:  
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2019/09/seculos-de-reproducao-seletiva-remodelaram-o-cerebro-dos-caes-domesticos>. Acesso em: 26 fev. 2024.

LOPES, Katia Regina F.; SILVA, Alexandre R. Considerações sobre a importância do cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) dentro da sociedade humana. *Acta Veterinária Brasília*, v. 6, n. 3, p. 177-185, 2012. Disponível em: . Acesso em: 26 fev. 2024.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. Conheça 5 raças antigas de cães. 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2023/07/conheca-5-racas-antigas-de-caes>. Acesso em: 26 fev. 2024.

NEWBERRY, Ruth C. Environmental enrichment: Increasing the biological relevance of captive environments. *Applied Animal Behaviour Science*, v. 44, p. 229-243, 1995. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/233822156\\_Environmental\\_enrichment\\_Increasing\\_the\\_biological\\_relevance\\_of\\_captive\\_environments](https://www.researchgate.net/publication/233822156_Environmental_enrichment_Increasing_the_biological_relevance_of_captive_environments). Acesso em: 03 mar. 2024.

VELDEN, Felipe F. V. Sobre cães e índios: domesticidade, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana. *Avá*, n. 15, p. 125-143, 2009. Disponível em:  
[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-16942009000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1851-16942009000200006&script=sci_arttext). Acesso em: 26 fev. 2024.

WOAH. Terrestrial Animal Health Code. WOA, v. 1, section 7, 2023. Disponível em:  
<https://www.woah.org/en/what-we-do/standards/codes-and-manuals/terrestrial-code-online-access/>. Acesso em: 03 mar. 2024.